

LITERATURA E ORALIDADE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Gil Roberto Negreiros (USP, FEPI)
gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

RESUMO

Neste texto, pretendemos investigar, a partir de um trecho de diálogo literário retirado do conto “Freiras em Férias”, de Luiz Vilela, algumas estratégias orais comuns em conversas reais. A partir dessa investigação, é possível observar a proximidade entre diálogos naturais e diálogos construídos literariamente. Adotamos a metodologia proposta por Preti (2004), denominada pelo autor de “macroanálise” e “microanálise do diálogo construído”.

Palavras-chave: Oralidade e escrita. Diálogo literário. Luiz Vilela.

1. *Considerações iniciais*

Neste artigo, objetivamos analisar a presença de recursos orais em diálogos construídos em um texto literário. Obviamente, esses diálogos não são reais, mas construídos pelo autor, que, apoiado em estratégias da língua falada, elabora seu texto tendo como meta criar efeitos de sentido próximos aos de uma manifestação de interação face a face. O leitor, a partir de seus *esquemas de conhecimento* da língua oral (cf. TANNEN e WALLAT, 1998), percebe a dinâmica da oralidade refletida no texto literário. Trata-se, pois, de uma construção da realidade, de diálogos criados pelo escritor que possuem marcas de oralidade muito significativas.

Dividimos o texto em três partes. Na primeira, realizamos uma breve discussão a respeito da relação entre fala e escrita. Na segunda, apresentamos a metodologia adotada no trabalho para, na terceira, analisarmos trechos do conto “Freiras em Férias”, de autoria de Luiz Vilela, contista contemporâneo brasileiro.

2. *Relações entre língua oral e língua escrita*

Nas últimas décadas, os estudos linguísticos têm-se dedicado com mais ênfase às pesquisas sobre a língua oral. Hoje, há consenso entre os estudiosos de que a língua oral não é o “lugar do caos” do ponto de vista organizacional, mas que existem, nessa modalidade, regras específicas que fazem com que uma conversa face a face, por exemplo, tenha uma dinâmica específica.

Ao realizar uma comparação entre língua oral e língua escrita, chega-se a conclusões de que não se trata de modalidades antagônicas. Pelo contrário, os diversos gêneros da língua oral e da língua escrita devem ser considerados a partir de um *continuum* de relações, o que faz com que alguns gêneros de textos sejam configurados “por um conjunto de traços que os leva a serem concebidos como falados ou escritos em maior ou menor grau.” (HILGERT, 2000)

Seria difícil nos limites deste artigo abordarmos os trabalhos dos principais pesquisadores que se dedicam a essa perspectiva. Convém, contudo, a título apenas de exemplificação, apresentar algumas ideias a respeito do tema.

Oesterreicher afirma que os termos *fala* e *escrita* devem ser considerados a partir dos “meios de produção” e dos “modos de concepção” (cf. 1996). Segundo ele, os meios de produção referem-se à produção fônica (no caso da fala) e à produção gráfica (no caso da escrita). Assim, do ponto de vista dos meios de produção, há dicotomia entre as modalidades.

Por seu turno, os modos de concepção são definidos “com base (a) nas condições de comunicação do texto e (b) nas estratégias adotadas para sua formulação”, o que faz com que as diversas manifestações de gênero textual não sejam postas como contrárias.

Deste modo, fala e escrita não mais se referem a “tipos de textos dicotomicamente antagônicos, mas sim identificam gêneros de textos configurados por um conjunto de traços que os leva a serem concebidos como textos falados ou escritos em maior ou menor grau”. (HILGERT, 2000, p. 19)

Fala e escrita, assim, podem ser consideradas a partir de um *continuum* de tipos, de relações, de usos e de características, definido pelas condições de comunicação do texto, pelas estratégias de formulação adotadas pelo autor e pelos objetivos de produção de sentidos.

Urbano (2006) postula que, na contemporaneidade, são muitos os estudiosos que não concordam com a ideia das diferenças entre língua falada e língua escrita, bem como sobre as discussões sobre “marcas ou signos da oralidade” e “marcas ou signos da escrita”.

Pelo contrário, quando levamos em conta a existência do *continuum* entre fala e escrita, pode-se considerar que as possíveis marcas da

oralidade ou da escrita na realidade são diretamente ligadas às condições de produção de determinados textos, tendo em vista a produção de certos efeitos de sentido pretendidos.

Marcuschi (2001), também apoiado na teoria de Oesterreicher, afirma que fala e escrita devem ser tratadas dentro de uma tendência dialógica, em que ambas podem apresentar funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade.

Essa tendência tem, de acordo com Marcuschi, por um lado, a vantagem de “perceber com maior clareza a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real” (*Idem*, 2001, p. 33).

Por outro lado, essa forma de perceber as relações entre fala e escrita possui baixo potencial explicativo e descritivo referente aos problemas sintático-fonológicos da língua. Daí a necessidade de uma combinação com outras teorias, como a Linguística Textual, a Análise da Conversação, além de uma possível fusão com alguns pressupostos da perspectiva variacionista, a qual está intimamente ligada à Sociolinguística. Tal combinação, segundo o autor, é fundamental quando se busca investigar as correlações entre forma, contexto, interação e cognição linguísticos. (Cf. *Ibidem*).

3. Uma proposta de análise do diálogo literário

Uma obra de ficção é uma transposição da realidade, pois pode recriar qualquer espécie ou modalidade linguística, porém sob o aspecto abrangente da intenção artística e estética. É isso que nos afirma Urbano (cf. 2000, p. 129).

Sobre o caráter estético presente no texto literário, Preti (2004), ao lembrar que se trata de uma manifestação escrita, salienta que há um processo de planejamento que poderia fazer com que o texto se tornasse distante das características de um texto oral. Contudo, os objetivos do escritor são estéticos e isso faz com que não haja limites na elaboração textual.

Para nós, também, há, na língua literária, um caráter estético. Contudo, essa artificialidade estética da língua literária pode ser formada pela naturalidade da língua comum, do cotidiano (Cf. NEGREIROS,

2009, p. 68). Assim, podemos falar em certa aproximação entre diálogo literário, que se encontra no campo da estética, e diálogo oral, que se encontra no campo da língua em uso.

São muitas as marcas do diálogo oral que podem ocorrer nos diálogos literários, também chamados de diálogos construídos. A título de exemplificação, podemos citar, no nível do léxico, o uso de vocabulário popular ou gírio, muito comum na oralidade; no nível da sintaxe, os diálogos podem ser marcados por repetições, paráfrases, cortes, anacolutos e correções; no nível textual, há a construção de diálogos que refletem, até certo ponto, a dinâmica e a organização dos turnos; no campo discursivo-interativo, é possível encontrar marcas de negociação entre os falantes, construção de focos comuns, marcas de atenção e de demonstração de interesse dos parceiros, expectativas, conhecimentos partilhados, estratégias conversacionais que podem denunciar, por exemplo, poder, agressão, humor, carinho, ironia, malícia.

Essas marcas garantem ao texto o efeito de sentido pretendido a partir de certa “ilusão do oral” (PRETI, 2004) e são muito comuns em textos de autores contemporâneos, como Rubem Fonseca, Luiz Fernando Veríssimo, Dalton Trevisan e Luiz Vilela.

Para demonstrar e analisar essas marcas no diálogo literário, Preti (2004) propõe que se realizem dois níveis de análise, a saber: a macroanálise e a microanálise da conversação literária.

A macroanálise da conversação literária é pautada por pressupostos da Sociolinguística. Nesse nível, destacam-se as variáveis sociais e a situação de comunicação, que podem fornecer informações próximas do comportamento do falante. A análise se embasaria nas variáveis sociais do falante (faixa etária, gênero, profissão, escolaridade, origem etc.) e nas situações de comunicação (local, grau de intimidade entre os falantes). Essas características poderiam fornecer pistas para a definição de sua linguagem. (*Idem*, 2004, p. 139)

A microanálise, por sua vez, é sustentada pelos pressupostos da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional. Nesse nível de investigação, deve-se observar e interpretar o ato conversacional produzido nos diálogos literários. Examinam-se os fatores que influenciam o momento de interação, como, por exemplo, os conhecimentos partilhados entre os falantes, as insinuações, as ironias. O ato conversacional apoia-se nas *estruturas de conhecimento*, isto é, naquilo que “o ouvinte ‘espera’

que o falante diga e em que tipo de linguagem o faça.” (cf. 2004, p. 144)

Essas *estruturas de expectativa* estão ligadas aos *esquemas de conhecimento* (TANNEN e WALLAT, 1998), já que tudo aquilo que se espera encontrar no discurso do falante surge das experiências de vida desse ouvinte. Tais esquemas formam, então, uma *atitude linguística*, que é “um julgamento do que constitui a linguagem ideal para determinada situação de comunicação”. Além disso, os implícitos também são regidos pelos *esquemas de conhecimento*, que garantem aos interlocutores o preenchimento de informações não proferidas durante a conversa. (PRÉTI, 2004, p. 144)

4. *A oralidade em um conto de Luiz Vilela: uma análise do diálogo construído*

4.1. Nosso corpus

Selecionamos como *corpus* deste artigo excertos de um texto de autoria do contista mineiro Luiz Vilela, publicado no livro *A cabeça*, coletânea de narrativas do autor. O conto, inteiramente planejado nos moldes de um “diálogo entre três”¹² personagens, possui pouquíssima interferência do narrador, o que faz com que quase todas as informações a respeito do contexto, das personagens e da narrativa sejam inferidas a partir dos diálogos construídos. Também há que se notar o uso de aspas para marcar a fala das personagens – e não o de travessões –, o que sem dúvida garante aos diálogos maior dinamicidade e rapidez.

Freiras em Férias

“Preciso contar pra vocês!”

“Conta...”

“Vocês nem vão acreditar...”

“O que aconteceu?”

“Eu fui lá tomar a coca; eu fui lá; aí, quando estou lá, tomando, um cara, um sujeito novo ainda, todo peludão – o peito dele parecia um tapete, uma relva...”

“Rô...”

¹² Preferimos a expressão “diálogo entre três” ao termo “trilogia”.

“O sujeito ficou ao meu lado, me olhando, me olhando assim, de ponta a ponta, dos pés à cabeça, e aí ele falou: ‘Oi, gata.’ ‘Oi’, eu falei. ‘Curtindo?’ ‘Eu estou, e você?’ ‘Adoidado’, ele falou; “pra ser melhor, só se eu tivesse a companhia de uma gata como você.”

“Nossa, e aí...?”

“Aí? Aí eu olhei pra ele, encarei ele, assim bem de frente, e falei: ‘Está vendo esse crucifixo aqui, no meu peito?’ ‘Estou; é um barato; o crucifixo e o peito também.’”

“Santa mãe de Deus...”

“Você sabe por que eu uso ele, o crucifixo?” eu perguntei. ‘Não’, ele respondeu. ‘Eu uso ele porque eu sou freira.’ ‘Freira? Legal essa!’ ele falou. ‘E eu, você sabe quem eu sou?’ ‘Não’, eu falei. ‘Eu sou o Papa!’, e ele deu uma risada. ‘Eu estou falando sério’, eu falei. ‘Eu também estou’, ele falou e deu outra risada. ‘Esse crucifixo’, eu falei, ‘é porque eu sou freira.’ ‘Por isso não’, ele falou: “olha aqui”, e virou as costas, mostrando uma enorme tatuagem. Uma tatuagem sabem de quê? Sabe, Mariona?”

“De quê?”

“Cristo; Cristo crucificado.”

“Jesus” disse Mariona; isso já é sacrilégio!”

“E aí, aí ele falou: “Qual que vale mais? O seu Cristo, que a gente compra em qualquer camelô da esquina, ou o meu, que foi gravado com dor na minha carne?”

“E essa, hem?”, disse Blandina. “E aí, o que você respondeu?”

“Eu respondi que os dois valiam a mesma coisa, que o importante era a fé.”

“É cada uma...”

“Mas o pior eu ainda não contei...”

“Então conta”, disse Blandina. “Você começou... Como dizia o Chacrinha: ajoelhou, tem que rezar.”

“O pior foi à hora que ele virou, e aí... Aí, sabem? aí eu vi que ele estava com uma bruta duma ereção.”

“Ereção, Irmã Romilda?”

“Então como que é?”

“Ereção?”

“Então fala como que é...”

“Ereção”, disse Mariona. “Não tem pauzinho no meio.”

“Não? Você tem certeza que não tem pauzinho no meio? Pois eu acho que tem. Tem sim. Só que não é um pauzinho: é um pauzão.”

“Rô!...”

“Isso é pecado, Irmã Romilda.”

“Pecado...”

“Pecamos por pensamentos, palavras e obras.”

“Sabe onde está o pecado, Mariona? Sabe? Sabe onde ele ficou? O pecado ficou lá, naquela capelinha mofada e fedorenta.”

“Hum”

“Sabia? O pecado ficou lá, naquela capelinha mofada e fedorenta, entre aqueles santos e velas. Ou será que você trouxe ele com você, na sua mala? Trouxe? Na minha ele não veio. Ele veio na sua, por acaso, Blande?”

“Não sei. Eu quero é que você conte o resto da história, Rô...”

“O resto? O resto é que o sujeito me perguntou se eu venho aqui amanhã.”

“E o que você respondeu?”

“Respondi que venho, uai.”

“Respondeu errado”, disse Mariona.

“Errado por quê?”

“Porque amanhã nós três estaremos longe daqui.”

“Eu não. Eu já te falei que eu não vou hoje”

“Eu também não”, disse Blandina.

“Perder o último capítulo de *Corações apaixonados*, quando a Leandra vai finalmente revelar quem é o verdadeiro pai do filho dela?”

“Amanhã passa de novo.”

“Eu sei, mas você acha que eu vou aguentar esperar até amanhã? Eu mal estou dando conta de esperar até a noite...”

“Pois fiquem sabendo que às oito e meia da noite, ou seja, às vinte e trinta, nós três estaremos dentro de um ônibus, em plena estrada: eu, Irmã Maria Imaculada; você, Irmã Romilda; e você, Irmã Blandina.”

“Você é uma chata, hem Imaculada?”

“Vocês precisam entender que isso não é porque eu quero.”

“É sim, Mariona; é porque você quer: você e sua muxibagem.”

“São ordens, ordens do Economato.”

“Imaculada: ‘Não mintais uns aos outros.’ Paulo, Colossenses, capítulo três, versículo nove.”

“Se o nariz da Mariona crescesse igual ao do Pinóquio... não ia nem ter jeito da gente entrar nessa piscina...”

“Vocês estão sendo injustas comigo...”

“Injustas...”

“Além disso, a minha perna inchada anda doendo.”

“Essa sua perna inchada serve pra tudo, hem Mariona? Você não tem vergonha?”

“Ai, meu Deus...”, disse Blandina. “Quando eu penso que, ao chegar, eu vou ter de passar a limpo toda aquela escrita... Me dá uma preguiça... Dá uma vontade de ficar aqui, nessa piscina, para o resto da vida...”

[...]

“Bom mesmo é se isso fosse nosso”, disse Romilda, “só nosso e de mais ninguém. Ai a gente podia vir quantas vezes quisesse, sem ter de pagar nada. E, o melhor, a gente podia ficar aqui inteiramente sem roupa...”

“Rô...”

“A gente peladinha nessa água quente, já pensaram que delícia? Eu acho que eu ia ter até um orgasmo.”

“Irmã Romilda...”

“Pra ser sincera, a vontade que eu tenho nesse momento é de rancar esse maiô e...”

“Parece que o peludão mexeu com seus hormônios, hem Irmã?”

[...]

“Esqueceu-se de que você é freira’... Acontece, Mariona, acontece que antes de ser freira eu sou mulher. E mulher com esses peitos aqui, esses peitos bonitos, e não essa tábua de passar roupa aí.”

“Pelo menos ela serve para passar roupa. E esses mamões aí, para quê eles servem?”

“Está com inveja?”

“Para quê eles servem?”

“A Blande sabe...”

“Eu? Eu não sei de nada.”

“Não? Olha como ela ficou vermelhinha...?”

“Com esse sol e branca do jeito que sou, como você queria que eu ficasse?”

“Sei... eu vou pensar no seu caso...”

“Tem dia que eu acho que a matéria venceu”, disse Mariona.

“Que matéria, Mariona? De que você está falando? A Mariona sai de repente com umas coisas sem pé nem cabeça...”

[...]

“Ih, não...”, disse Romilda. “Vocês duas, ó: o Retiro Espiritual começa dia vinte de janeiro. Sabiam? Começa daqui a quinze dias ainda. Por enquanto estamos de férias e numa pousada. Sabiam?”

“Ah, Rô...”

“Ah, Rô? É a Rô que daqui a um mês estará na frente daqueles pirralhinhos lá, da vila, entre bêbados, ladrões e traficantes, enquanto vocês duas estarão zanzando por aí, um dia num lugar, outro dia noutro; reuniões, encontros, capítulos, curso disso, curso daquilo, ou seja: não fazendo nada, só passeando, comendo e conversando fiado.”

“Rô, a noviça rebelde número dois...”

“Não vem não, hem Blande? Eu conto tudo, hem?”

“Então conta; conta. Conta, que eu também conto. Você acha que não? Eu conto sim. Conto, palavra por palavra, tudo o que você me disse naquele dia, sem esquecer as vírgulas, e, principalmente, pontos de exclamação.”

[...]

4.2. A macroestrutura do texto “Freiras em férias”: marcas orais no diálogo construído

A – Variáveis sociais e situação de comunicação

No diálogo construído no conto “Freiras em Férias”, há três personagens: Irmã Romilda, Irmã Maria Imaculada e Irmã Blandina. Como o próprio título informa, as três personagens encontram-se de férias. Contudo, as informações sobre essas férias só são observadas na fala das personagens. Especificamente, o ato de fala representado no texto se passa em uma pousada, à beira de uma piscina, em pleno verão, no início do ano:

(01)

“Ai, meu Deus...”, disse Blandina. “Quando eu penso que, ao chegar, eu vou ter de passar a limpo toda aquela escrita... Me dá uma preguiça... Dá uma vontade de ficar aqui, nessa piscina, para o resto da vida...”

(02)

“Ih, não...”, disse Romilda. “Vocês duas, ó: o Retiro Espiritual começa dia vinte de janeiro. Sabiam? Começa daqui a quinze dias ainda. Por enquanto estamos de férias e numa pousada. Sabiam?”

Também, a partir da fala das personagens, é possível concluir que todas já se conheciam antes do momento de enunciação representado no conto. Há, assim, um grau de intimidade significativo entre as três, a ponto de Romilda julgar a importância e o valor das atribuições dela em comparação às funções das outras duas:

(03)

“Ah, Rô? É a Rô que daqui a um mês estará na frente daqueles pirralhinhos lá, da vila, entre bêbados, ladrões, e traficantes, enquanto vocês duas estarão zanzando por aí, um dia num lugar, outro dia noutro; reuniões, encontros, capítulos, curso disso, curso daquilo, ou seja: não fazendo nada, só passeando, comendo e conversando fiado.”

B – A linguagem da conversação

Se considerarmos a situação de comunicação, que se passa em um ambiente informal, e o fato de as três personagens estarem juntas a passeio, pode-se aceitar uma linguagem mais distensa nas falas das personagens.

Um exemplo disso pode ser o uso despreocupado e informal, por parte da personagem Romilda, do pronome pessoal reto “ele”. Romilda, ao narrar um fato acontecido momentos antes, emprega o pronome, ora se referindo ao homem que a abordou, ora ao crucifixo. Quando se refere ao homem, o pronome é usado em função sujeito. Quando se refere ao crucifixo, o pronome “ele” é usado em função objeto (“Eu uso ele”).

Sintaticamente, há trechos que apresentam outra característica comum da oralidade espontânea, que é a fragmentação do enunciado. A narrativa do acontecido realizada por Romilda é formada por frases curtas, perguntas retóricas que objetivam não uma resposta, mas uma interação com o outro (“Uma tatuagem sabem de quê? Sabe, Mariona?”), além das inúmeras repetições dos pronomes “eu” e “ele”:

(04)

Você sabe por que eu uso ele, o crucifixo?” eu perguntei. ‘Não’, ele respondeu. ‘Eu uso ele porque eu sou freira.’ ‘Freira? Legal essa!’ ele falou. ‘E eu, você sabe quem eu sou?’ ‘Não’, eu falei. ‘Eu sou o Papa!’, e ele deu uma risada. ‘Eu estou falando sério’, eu falei. ‘Eu também estou’, ele falou e deu outra risada. ‘Esse crucifixo’, eu falei, ‘é porque eu sou freira.’ ‘Por isso não’, ele falou: “olha aqui”, e virou as costas, mostrando uma enorme tatuagem. Uma tatuagem sabem de quê? Sabe, Mariona?”

Além dos usos informais da linguagem, comuns à situação em que as personagens se encontram, as formas de tratamento usadas muitas vezes nos diálogos construídos comprovam o clima de informalidade do ato comunicativo e o grau de proximidade entre os sujeitos. Como exemplo, podemos citar os seguintes usos: “Blande”, “Rô” e “Mariona”.

Contudo, mesmo estando em um ato de fala informal, certos usos linguísticos não são aceitáveis entre as personagens, até porque as três são religiosas, teoricamente pessoas com algum tipo de formação. No trecho 08, por exemplo, há uma correção na “pronúncia” da palavra *ereção*, dita erroneamente por Irmã Romilda. Além disso, a construção do trecho, composto por duas perguntas repetitivas, garantem ao texto uma proximidade muito forte com uma conversação real. Trata-se, assim, de uma conversação construída pelo autor com vivência da realidade linguística.

(05)

“O pior foi à hora que ele virou, e aí... Aí, sabem? aí eu vi que ele estava com uma bruta duma ereção.”

“Ereção, Irmã Romilda?”

“Então como que é?”

“Ereção?”

“Então fala como que é...”

“Ereção”, disse Mariona. “Não tem pauzinho no meio.”

4.3. A microestrutura do texto “Freiras em férias”: marcas orais no diálogo construído

A – A construção de focos comuns e de marcas de atenção

O texto oral, construído a partir das vozes dos sujeitos que compõem o ato comunicativo, apresenta marcas da negociação entre os falantes. Esse processo de negociação é responsável pela coesão de focos comuns, dirigidos por sinais enviados e recebidos pelos parceiros na mútua ação de elaboração interativa do texto.

No diálogo construído, o autor, em diversos momentos, na busca de uma aproximação com uma interação natural, faz uso de estratégias comuns no diálogo real para construir uma simulação de verdade. Se considerarmos apenas o início do conto, é possível notar as negociações

entre os falantes, os interesses dos parceiros na manutenção do foco comum. Abaixo, destacamos algumas dessas marcas que demonstram o interesse pelo desconhecido, caracteres de uma “ilusão da oralidade”, nos dizeres de Preti (2004):

(06)

– “Conta...”
– “O que aconteceu?”
– “Nossa, e aí...?”
– “De quê?”
– “E essa, hem?”, disse Blandina. “E aí, o que você respondeu?”
– “Então conta”, disse Blandina. “Você começou... Como dizia o Chacrinha: ajoelhou, tem que rezar.”
– “Não sei. Eu quero é que você conte o resto da história, Rô...”

O foco inicial da conversa, que é sobre o encontro entre Irmã Romilda e o “Peludão” (e todos os índices de sexualidade que envolvem a narrativa), volta à cena em outros momentos, mantendo-se como um dos principais assuntos da conversa. É o que se observa no excerto:

(07)

“Bom mesmo é se isso fosse nosso”, disse Romilda, “só nosso e de mais ninguém. Aí a gente podia vir quantas vezes quisesse, sem ter de pagar nada. E, o melhor, a gente podia ficar aqui inteiramente sem roupa...”
“Rô...”
“A gente peladinha nessa água quente, já pensaram que delícia? Eu acho que eu ia ter até um orgasmo.”
“Irmã Romilda...”
“Pra ser sincera, a vontade que eu tenho nesse momento é de rancar esse maiô e...”
“Parece que o peludão mexeu com seus hormônios, hem Irmã?”

B – Expectativas e conhecimentos compartilhados

Em conversações reais, em que há graus mais elevados de aproximação entre os falantes, é comum conhecimentos compartilhados entre os personagens da conversa.

O mesmo pode ser representado na elaboração do diálogo construído, como veremos a seguir. Como afirmam Tannen e Wallat (1998), é preciso estar atento às *estruturas de expectativa*, ou seja, ao que o ouvinte “espera” que seja dito pelo falante e em que tipo de linguagem o faça (cf. PRETI, 2004, p. 144).

Essa *estrutura de expectativa*, como já se disse, está ligada aos *esquemas de conhecimento*, que se relacionam a tudo o que se espera encontrar no discurso do falante e que estão ligados às experiências de vida do ouvinte.

Particularmente em dois momentos do texto, as ofensas proferidas pelas personagens ameaçam o “*status religioso*” das interlocutoras. Ademais, ao apresentar esses subtendidos como ameaças, as personagens criam uma situação de poder, já que as *estruturas de expectativa* do ouvinte levam-no a uma situação de inferioridade.

No trecho (08), Irmã Romilda age, implicitamente, de forma ameaçadora com relação à Irmã Maria Imaculada. Contudo, o que é atacado por aquela não é diretamente esta, mas sim Irmã Blandina e, de forma indireta, os cânones de castidade e de respeito moral vinculados à ordem religiosa.

(08)

“Pelo menos ela serve para passar roupa. E esses mamões aí, para quê eles servem?”

“Está com inveja?”

“Para quê eles servem?”

“**A Blande sabe...**”

“Eu? Eu não sei de nada.”

“Não? Olha como ela ficou vermelhinha...?”

“Com esse sol e branca do jeito que sou, como você queria que eu ficasse?”

“Sei... eu vou pensar no seu caso...”

Em outra passagem, mais à frente, Irmã Blandina, por meio de in-

sinuações, abre mão das mesmas estratégias, ao ameaçar Irmã Romilda de explicitar algum conhecimento compartilhado entre ambas.

(09)

“Rô, a noviça rebelde número dois...”

“Não vem não, hem Blande? Eu conto tudo, hem?”

“Então conta; conta. Conta, que eu também conto. Você acha que não? Eu conto sim. Conto, palavra por palavra, tudo o que você me disse naquele dia, sem esquecer as vírgulas, e, principalmente, pontos de exclamação.”

Tais atitudes, além de denunciar as expectativas e os conhecimentos partilhados, trazem, em sua essência, marcas de agressão e de poder.

C – Marcas de poder e de agressão

Como já dissemos, a coloquialidade da linguagem é comum entre falantes que possuem grau de afinidade relevante e que estejam em situações aparentemente distensas, como é o caso das três freiras do conto. Contudo, essa informalidade da linguagem é deixada de lado quando o assunto sexualidade vem à tona.

Nesses momentos, o *status* relativo à profissão faz com que todo o discurso seja mudado. Deixa-se de lado o papel social de amigas de férias, que é substituído pelo *status* de representantes da ordem religiosa.

Mais especificamente, a mudança se dá principalmente nas falas de Irmã Maria Imaculada, cujas ordens dadas às outras duas irmãs refletem certa liderança. No trecho 10, há rispidez na fala da personagem, que se dirige às outras duas usando expressões do tipo “respondeu errado”, “pois fiquem sabendo”. Além disso, as formas de tratamento mudam. Os apelidos e abreviações dão lugar a “eu, Irmã Maria Imaculada; você, Irmã Romilda; e você, Irmã Blandina”.

Irmã Maria Imaculada, buscando *preservar sua face* frente às companheiras, responsabiliza o setor financeiro da congregação pela decisão: “são ordens, ordens do economato”. Aqui, a repetição da palavra “ordem” também é muito significativa para o ato de fala, já que é o *status* da falante que está em jogo.

No mesmo trecho, as outras duas personagens, com o objetivo de permanecerem um pouco mais na pousada, usam certos artifícios linguísticos, muitas vezes agressivos. O objetivo é, antes de tudo, destruir a “fa-

ce” de autoridade da Irmã Imaculada, acusada de mentirosa. Os argumentos podem ser assim elencados:

1 – Perda do último capítulo da novela “Corações Apaixonados”: “Perder o último capítulo de *Corações apaixonados*, quando a Leandra vai finalmente revelar quem é o verdadeiro pai do filho dela?”

2 – Agressão verbal: “[...] você e sua muxibagem.”

3 – Desqualificação da autoridade religiosa de Irmã Maria Imaculada, com uso de argumentação baseada em citação bíblica: “Imaculada: ‘Não mintais uns aos outros.’ Paulo, Colossenses, capítulo três, versículo nove.”

Contudo, chama a atenção o fato de não ser apresentado como argumento o encontro entre o homem e Irmã Romilda, o que muito provavelmente motivou a decisão da superiora de que todas devessem deixar a pousada.

Percebe-se, assim, o tenuous jogo de interesses que envolve a situação. Apresentam-se vários argumentos e contra-argumentos para permanecer ou não na pousada. Porém, o real motivo, o encontro marcado entre Irmã Romilda e o homem “peludão”, não é exposto. Irmã Maria Imaculada, preocupada com a preservação de seu *status* social e o de suas companheiras, adota uma postura de autoridade frente às outras duas e de respeito aos votos e às tradições católicas. Por seu turno, as outras duas não optam por essa postura, o que é observável a partir do caráter dos argumentos usados e do desrespeito à superiora.

(10)

“E o que você respondeu?”

“Respondi que venho, uai.”

“Respondeu errado”, disse Mariona.

“Errado por quê?”

“Porque amanhã nós três estaremos longe daqui.”

“Eu não. Eu já te falei que eu não vou hoje”

“Eu também não”, disse Blandina.

“Perder o último capítulo de *Corações apaixonados*, quando a Leandra vai finalmente revelar quem é o verdadeiro pai do filho dela?”

“Amanhã passa de novo.”

“Eu sei, mas você acha que eu vou aguentar esperar até amanhã? Eu mal

estou dando conta de esperar até a noite...”

“Pois fiquem sabendo que às oito e meia da noite, ou seja, às vinte e trinta, nós três estaremos dentro de um ônibus, em plena estrada: eu, Irmã Maria Imaculada; você, Irmã Romilda; e você, Irmã Blandina.”

“Você é uma chata, hem Imaculada?”

“Vocês precisam entender que isso não é porque eu quero.”

“É sim, Mariona; é porque você quer: você e sua muxibagem.”

“São ordens, ordens do Economato.”

“Imaculada: ‘Não mintais uns aos outros.’ Paulo, Colossenses, capítulo três, versículo nove.”

Em outros trechos, também, Irmã Romilda, de forma agressiva, tenta desqualificar a imagem de Irmã Imaculada. Existem vários excertos da conversa em que se percebe novamente o objetivo daquela em humilhar esta. Há, pois, por parte de Irmã Romilda, a tentativa de atingir tanto a “face religiosa” quanto a “face feminina” de Irmã Maria Imaculada:

(11)

“Se o nariz da Mariona crescesse igual ao do Pinóquio... não ia nem ter jeito da gente entrar nessa piscina...”

“Vocês estão sendo injustas comigo...”

“Injustas...”

“Além disso, a minha perna inchada anda doendo.”

“Essa sua perna inchada serve pra tudo, hem Mariona? Você não tem vergonha?”

(12)

“‘Esqueceu-se de que você é freira’... Acontece, Mariona, acontece que antes de ser freira eu sou mulher. E mulher com esses peitos aqui, esses peitos bonitos, e **não essa tábua de passar roupa aí.**”

5. *Considerações finais*

A análise que ora realizamos não se esgota nas observações aqui feitas. Outros pontos poderiam ter sido abordados (como no caso das marcas lexicais e sintáticas do texto oral) e outros poderiam ser analisados mais a fundo. Contudo, os limites deste trabalho não nos permitem tal expansão.

Essa restrição de análise não nos impede de demonstrar como é saliente a habilidade do escritor na percepção da realidade oral. É certo que o diálogo construído não equivale à transcrição de uma conversa real, realizada face a face. As diferenças são notórias, pois, desde o princípio, trata-se de uma narrativa construída. Mas é certo que essa narrativa possui estratégias de interação que mantêm, no campo da criação literária, marcas de agressão, permeadas por estados de violência quase que permanentes. Esses atos agridem não só as personagens do diálogo construído, mas as regras e as condutas da instituição que as rege.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HILGERT, J. G. A construção do texto “falado” por escrito na Internet. In: PRETI, D. *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- NEGREIROS, G. R. C. *Marcas de oralidade na poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Paulistana, 2009.
- OESTERREICHER, W. Lo hablado em lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a uma tipología. In: KOTSCHI, T. OESTERREICHER, W. y ZIMMERANN, K. (Eds.). *El español hablado y la cultura oral en España e Hispanoamérica*. Madrid: Vervuert, 1996.
- PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- TANNEN, D. e WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame / consulta médica. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*, 1998.
- URBANO, H. *A oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.
- URBANO, H. Usos da linguagem verbal. In: PRETI, D. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- VILELA, L. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.